

Sérgio Buarque de Holanda como adido cultural (1952-1954): intercâmbio cultural Brasil –Itália.

Giselle Laguardia Valente *

RESUMO: Nosso interesse pela análise do pensamento museológico e patrimonial de Sérgio Buarque de Holanda, se dá pela percepção da existência de uma relação entre suas obras teóricas e práticas e o campo museal. Identificando-o como intelectual de ampla envergadura, este artigo aborda sua contribuição para a construção e divulgação internacional do patrimônio cultural brasileiro. Em outros termos, identificamos como fundamental a inserção desse intelectual no papel de semeador e difusor de memórias e esquecimentos, enquanto adido cultural brasileiro na Itália (1952-1954). Homem de ação política e cultural dirigiu instituições culturais Museu Paulista (1946-1956) e Instituto Cultural Brasil-Itália em Roma (1953-1954), envolveu-se em projetos educativos, de reconhecimento e instituidores de dispositivos para proteção do patrimônio cultural brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Sérgio Buarque de Holanda, Brasil-Itália, intercâmbio cultural.

ABSTRACT: Our interest in analyze Mr. Sergio Buarque de Holanda's thinking of museum-science and cultural heritage, comes from the perception of relationship between his theoretical and concrete work, and the museum field. Recognizing him as a great intellectual, this paper relates to his contribution to Brazilian cultural heritage field construction, and international knowledge. In other words, is fundamental to identify this Brazilian intellectual insertion into the cast of seedsman and his spread of memory and forgetfulness, when was Brazilian cultural deputy in Italy (1952-1954). As political and cultural action man, directed cultural institutions as São Paulo City's Museum (1946-1956) and Brazil-Italy Cultural Institute at Rome (1953-1954), involve himself in projects of education and of brazilian-cultural-protection-mechanisms establishments.

KEY-WORDS: Sérgio Buarque de Holanda, Brazil-Italy, cultural exchange.

O intelectual brasileiro Sérgio Buarque de Holanda foi objeto de profícuos estudos no Brasil. Entretanto, a atuação do historiador no campo do patrimônio cultural e da museologia não nos parece privilegiada nas análises empreendidas pela produção teórica do pensamento brasileiro. Buscando contribuir para a retirada do esquecimento, iremos analisar e refletir sobre o intercâmbio cultural Brasil-Itália, protagonizado pelo intelectual brasileiro, no período de dezembro de 1952 a dezembro de 1954. Trajetória imprescindível e quase esquecida da sua contribuição para o estabelecimento de trocas culturais por ele idealizadas e realizadas. Compreendemos que sua trajetória é significativa no sentido de nos permitir perceber que a autonomia relativa da cultura não se reduz integralmente à esfera política, tal como sugerido

* Doutoranda do Programa de Memória Social, Linha de Pesquisa Memória e Patrimônio, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO, bolsista da FAPERJ e PDEE/CAPES.

por Bobbio (1997), mas que também é possível transcendê-la, impedindo que o monopólio do Estado e da força venha a tornar-se o monopólio da verdade. Nossa idéia é de que seja possível desenhar mapas mais precisos dos grandes eixos de engajamento dos intelectuais, através das noções de “itinerário, geração e sociabilidade”. (SIRINELLI, 2003: p. 245) As redes de sociabilidade dentro das quais os intelectuais se organizam, sinalizam para uma determinada sensibilidade ideológica ou cultural que não se deve subestimar. Essas “redes” se manifestaram, no caso de Sérgio Buarque de Holanda, no cotidiano do parlamento estadual e nacional, na imprensa brasileira, no museu e instituições que dirigiu, nos ensaios e artigos publicados nas revistas brasileiras *Klaxon*, *Boletim de Ariel*, *Revista do Museu Paulista*, *Anais do Museu Paulista*, e nas italianas *Auzonia*, *Illustrazione Nazionale*.¹

Refletir sobre o cenário político-econômico italiano e brasileiro no segundo pós-guerra é importante para que se compreenda o intercâmbio cultural estabelecido entre os dois países. O ano de 2008 foi o 61º ano da história da República Italiana, constituída em 1947. No segundo pós-guerra, o partido de massa por excelência na Itália foi o Partido Comunista italiano (PCI), o que é uma das peculiaridades do sistema político italiano. Reconquistada a democracia, o país buscava seu lugar na comunidade internacional, que para certa parte era considerada desinteressante, por ter sido o lugar do fascismo de Mussolini. Entre o Brasil e a Itália foram restabelecidas relações interrompidas e, em um primeiro momento, a diplomacia brasileira se posicionou para privilegiar soluções favoráveis aos interesses italianos em conferência e junto a órgãos internacionais. Os anos de 1945 e 1946 podem ser considerados anos de atendimento. A Itália se apresentou a uma numerosa delegação na Conferência de Paz de Paris, em 1946. O governo italiano temia que outros representantes impusessem condições humilhantes à Itália, para a qual não se dava nenhuma alternativa; o tratado de paz firmado em 1947 privilegiou reparações da guerra, indenizações, resgate de bens italianos no exterior, bloqueados durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Segundo estudioso desse momento, Amado Luiz Cervo (1994), as dificuldades ainda presentes resultaram em grande conforto através da delegação brasileira de Neves da Fontoura, que demonstrou muita amizade contribuindo para que os representantes sul-americanos assumissem uma posição favorável à Itália, opondo-se à intransigência de quatro grandes potências. Apesar de algumas outras dificuldades no imediato pós-guerra, como por exemplo o comércio ítalo-brasileiro, alguns atores diplomáticos desenvolveram ações fundamentais para que fossem superadas passo a passo. Martini, o primeiro embaixador italiano do segundo pós-guerra se revelou

¹ Acerca das revistas, Sirinelli, no trabalho citado conclui: “... uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade...” (p. 249).

hábil e cordial: “(...) Infine l’appoggio del Brasile, significativo soprattutto per le antiche colonie e per introdurre l’Italia democrática negli organismi internazionali, non fu mai barattato in cambio dei beni confiscati, redendolo ancora più apprezzabile.” (CERVO,1994: 173) Nesse sentido, pode-se verificar na documentação consultada o contexto no qual foi firmado o acordo entre a Itália e o Brasil com o objetivo de desenvolver as relações jurídicas, econômicas, culturais, técnicas e de trabalho, fortalecendo assim o vínculo de amizade ítalo-brasileira. No entanto, podemos afirmar que houve ao longo desse processo “ondas e gotas de sangue”, configurando um quadro de vai e vem. A Itália democrática adotou uma política externa completamente diversa da fascista, optando por entrar no “Pacto Atlântico”, reduzindo a influência da esquerda (PSI e PCI) na política externa, aceitando a colaboração da política da boa-vizinhança de Marshall dos Estados Unidos. No contexto da Guerra Fria a Itália optou pela hegemonia dos Estados Unidos, que representou o fim da utopia do nacionalismo da esquerda, de uma política independente e, por outro lado, significou abandonar o isolamento e entrar no Novo Mundo. A leitura de fontes primárias, em pesquisa realizada na Itália nos deixa evidenciado também o forte investimento italiano para a constituição da União Européia. Olhando para o Brasil, podemos identificar os anos de 1940 e 1950 como um momento em que a sociedade compartilhava a existência de diferentes projetos de modernização para o país, de chaves opostas de compreensão do passado e de concepções antagônicas de poder. Nesse extenso campo de valores em disputa, uma cultura política pode se tornar dominante em determinados contextos.² No Brasil os anos do segundo pós-guerra foram marcados pela utopia do moderno, do novo e do futuro pela construção da categoria indicativa da realidade brasileira e sul-americana de “subdesenvolvimento” e não mais “atraso”. Eurico Gaspar Dutra (1946-1950), assumiu o nacionalismo como prioridade, distanciando o país dos Estados Unidos. O retorno de Getúlio Vargas (1951) ao governo foi posicionado em outra “onda” democrática e liberal. O acordo de paz e a declaração de amizade e colaboração com a Itália de 1949, não foi imediatamente suficiente para solucionar todas as pendências existentes, nem ponto de partida para novas relações entre a Itália e o Brasil, o que torna evidente que “nas relações internacionais os tratados não são suficientes para a concretização de entendimentos políticos que os determinam” (Cervo, 1994: 179). Nos anos 1950, as relações ítalo-brasileiras deram resposta a interesses fundamentais para a

² Segundo Serge Berstein (1998) a utilização do conceito de “culturas políticas” só é pertinente se possibilitar a compreensão do fenômeno que é suposto explicar, tendo como campo de aplicação o político e não a cultura global de uma sociedade. Cultura e política em sua concepção, apesar de serem distintas, se inscrevem no “quadro das normas e dos valores que determinam a representação que uma sociedade faz de si mesma, do seu passado, do seu futuro.” BERSTEIN, S. A cultura política. In: RIOUX, Jean Pierre & SIRINELLI, Jean – François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Ed. Estampa Ltda, 1998.

emigração, cooperação econômica e cultural, ainda que ondas de dificuldades tenham sido realidade. Em 1952, o embaixador brasileiro Carlos Alves de Souza Filho posicionou-se de modo a restabelecer a força dessa relação que havia declinado diante de tantas ondas. Através dele, o Ministro das Relações Exteriores brasileiro, João Neves da Fontoura³ e o embaixador italiano, Mario Augusto Martini puderam ver tomadas iniciativas visando a plena execução do acordo de 1949. Do ponto de vista cultural, no segundo pós-guerra foram restabelecidos vínculos, como por exemplo, a criação do Centro Cultural Brasil-Itália no Rio de Janeiro (1949), com Pedro Calmon como presidente; a realização da exposição de arte sacra e apresentação de uma orquestra de 52 músicos italianos (1951), organizada pelo Instituto *Angelicun de Milano*; a publicação de livros brasileiros na Itália, fazendo difundir a literatura brasileira; fornecimento de prêmio pelo Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro de São Paulo, em 1952, para o melhor ensaio, dissertação sobre a relação entre os dois países; a criação do Instituto Ítalo-Brasileiro em Roma (1953), teve Sérgio Buarque de Holanda como diretor que, junto ao Ministério das Relações Exteriores fez o financiamento do curso de língua portuguesa, exposições e seminários; em 1954 foi estabelecida a cátedra Literatura Brasileira, na Universidade de Roma onde, desde 1953, Sérgio Buarque de Holanda havia ministrado Estudos Brasileiros, disciplina que incluía a literatura brasileira e, depois de seu retorno ao Brasil (1954), foi assumida por alguns anos por Murilo Mendes; o Museu de Arte de São Paulo (MASP), no plano das artes, com a ação de Pietro M. Bardi, promoveu eventos fazendo a instituição museal constituir uma grande coleção de arte. Todos esses exemplos tornam evidente o estímulo dado pela diplomacia para a cooperação cultural, em especial, nesse momento de permanência de Sérgio Buarque de Holanda na Itália, proporcionando a chegada de uma nova onda para o acordo cultural, pelo estímulo a instituições para realização do ensino da língua, conhecimento e publicações registrados nos dois países, intercâmbio acadêmico e eventos culturais envolvendo música, arte, arquitetura, poesia, literatura, futebol e cinema brasileiros.

Sérgio Buarque de Holanda chegou na Itália em dezembro de 1952, para realização de atividades de promoção do intercâmbio cultural Brasil-Itália, demonstrando seu engajamento político-cultural e sua rede de sociabilidade. Sua primeira atividade foi a ministração do curso livre Assuntos Brasileiros na Universidade de Roma (UR). A estrutura desse curso

³ João Neves da Fontoura foi nomeado para o cargo de Ministro das Relações Exteriores no segundo governo de Getúlio Vargas, que voltou a dirigir (havia dirigido no governo de Dutra-1946) entre 1951-1953, “onde buscou implementar uma política de irrestrito alinhamento externo aos Estados Unidos, defendendo inclusive o envolvimento de tropas brasileiras na Guerra da Coréia.” Disponível no site <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm> em 13.01.2009.

abrangia conferências em italiano sobre a história, a literatura e a sociologia brasileiras. A partir de fontes primárias do Arquivo do Itamaraty no Rio de Janeiro e da Embaixada Brasileira na Itália (Roma), pudemos identificar algumas questões, que passamos a compartilhar com o leitor. Sérgio Buarque solicitava ao Itamaraty o envio de uma coleção de livros brasileiros para a biblioteca da Universidade de Roma, na medida em que obviamente a carência bibliográfica era desvantagem para a manutenção e qualidade do ensino-aprendizagem objetivando qualificar os alunos. Além da melhoria da coleção brasileira na biblioteca universitária, outra coisa que solicitava era a concessão de bolsas de estudos aos estudantes da universidade, que foi feita e efetivada após um ano da sua chegada e que permitiriam o conhecimento do real para aqueles que fossem beneficiados pela oportunidade de vir ao Brasil. A criação da cátedra de Literatura Brasileira (1954) na Universidade de Roma foi um processo que, segundo o embaixador Carlos Alves de Souza “há muito vimos lutando (...) e a ação pessoal do professor Buarque de Holanda, o entusiasmo que imprimiu aos cursos por ele regidos muito contribuíram para vencer as resistências da Universidade de Roma.”⁴ É interessante observar que essa era uma luta também de outros países que pleiteavam na instituição disciplinas semelhantes.

Sono lieto che con questo atto (che è venuto, appena la legge lo ha reso possibile, a coronare una bella iniziativa del Suo Governo) il Professore Buarque de Holanda entri ufficialmente a far parte del nostro corpo insegnante, e sono certo che ne risulterà grande profitto per i nostri studi. Ne saranno anche fatti più forti i vincoli che legano, per il bene di entrambi i Paesi, la cultura brasiliana e la cultura italiana.

5

A relevância e a competência de Sérgio Buarque favoreceram a escolha pela disciplina sobre a literatura brasileira e fica também evidenciada em carta expedida pelo diretor da Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Roma, Angelo Monteverdi, que nesse contexto indica a unanimidade de votos de indicação do professor brasileiro pelo Concílio da Faculdade, em 14 de dezembro de 1954. A atuação de Sérgio Buarque não ficou circunscrita aos cursos ministrados na UR. O embaixador pode contar com ele para realização de outras atividades culturais. Na medida em que tinha tempo livre para dedicar-se, Sérgio Buarque se comprometeu com a tarefa de estímulo dessas atividades, pois reconhecia a existência de um amplo campo para o desenvolvimento de contatos culturais na Itália com o Brasil. Para isso entrou em contato com os dirigentes da já existente Associação Ítalo-Brasileira e, em colaboração com o secretariado de Dr. Salvaggi e a direção do Dr. Piccinini de um curso de

⁴ Embaixada Roma/431/1954/p.2-3. Instituição depositária: AHI/RJ.

⁵ Embaixada Roma/432/1954. anexo único. p.1. Instituição depositária: AHI/RJ.

língua portuguesa na instituição, elaborou um projeto de programa das atividades culturais para a Associação. Constatou nesse projeto a criação do Instituto Ítalo-Brasileiro de Cultura que funcionaria na própria Associação, sob a direção de Sérgio Buarque de Holanda. Uma cópia desse projeto foi anexada à carta enviada pelo embaixador Carlos Alves de Souza para João Neves da Fontoura, Ministro de Estado das Relações Exteriores do Brasil, tendo em vista convencê-lo do apoio financeiro necessário advindo do governo brasileiro. Expressou na carta ao ministro a seguinte opinião: “(...) creio que poderiam ser dadas às relações culturais ítalo-brasileiras um impulso novo com resultados promissores. O projeto é aliás elaborado de maneira a permitir a sua execução parcial, caso não haja recursos disponíveis no momento para seu cumprimento total.”⁶ Nesse sentido, podemos visualizar a tentativa da possibilidade de concretização da relevância e consideração e não apenas um investimento mínimo a projetos culturais. O projeto de Sérgio Buarque para as atividades culturais a serem desenvolvidas pela Associação, datado de janeiro de 1953, um mês depois de sua chegada na Itália, propunha basicamente as seguintes metas descritas na tabela a seguir.

Projeto de Sérgio Buarque de Holanda como adido cultural:

1) organização no Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro de Cultura de um curso elementar e outro secundário de língua portuguesa;
2) criação de cursos de estudos brasileiros através de preleções regulares e também conferências extras;
3) realização de concertos de música brasileira, de exposições periódicas de artes plásticas e figurativas, arquitetura e livros brasileiros;
4) criação de prêmios destinados a trabalhos sobre o Brasil e temas brasileiros, a serem julgados por uma comissão competente e idônea;
5) instituição de três bolsas de estudos destinadas a italianos que desejassem aprofundar seus conhecimentos da vida e da cultura brasileiras;
6) fornecimento de livros destinados a ampliação da biblioteca já existente na Associação ou dos recursos necessários para sua aquisição;
7) publicação de um periódico de caráter informativo e cultural, impresso em italiano, sobre assuntos brasileiros.

Em especial, para a realização das exposições nos museus italianos Sérgio Buarque indica o conveniente contato e parceria com outras instituições brasileiras que foram

⁶ Embaixada Roma/1953/9 p.2 Instituição depositária Arquivo Histórico do Itamaraty(AHI).

efetivados, para além do Ministério das Relações Exteriores, tais como: o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), os Museus de Arte Moderna de São Paulo e do Rio de Janeiro e o Instituto Nacional do Livro. Fez a estimativa das despesas para realização de cada tópico, mostrando-se organizado e competente. A viabilidade desse projeto foi alvo do esforço de Sérgio Buarque e de Carlos Alves de Souza, que viam as portas e janelas abertas para a cultura brasileira na Itália, a exemplo do ocorrido em 25 de janeiro de 1953, patrocinado pelo Alto Comissariado do Turismo italiano e organizado pela Embaixada e Associação Ítalo-Brasileira: festival de canto e poesia do Brasil com a participação de cantores napolitanos Alberto Aulicino e Maria Valeria Zazo e da *diseuse* Eva de Paci, presidente do comissariado do turismo italiano. Segundo o embaixador Carlos Alves de Souza:

Devo mencionar a Vossa Excelência que o recital em questão foi dos mais bem sucedidos entre todos os que empreendeu ultimamente a Associação Ítalo-Brasileira. Contou com um público numeroso e seletto, generoso nos aplausos. Este fato me anima nas perspectivas que entrevejo quanto à possibilidade de ser dado um novo impulso às relações culturais entre os dois países. O Professor Buarque de Holanda, que assistiu comigo o festival, é da mesma opinião e manifestou-se muito otimista quanto à qualidade das exibições da arte brasileira que podem ser organizadas em Roma. (...) uma ocasião inteiramente especial, que apenas serve para demonstrar quanto se pode fazer nesse setor em Roma e outras cidades da Itália.⁷

A euforia e a competência de Sérgio Buarque de Holanda indicadas nesse longo fragmento, certamente contribuíram para que fosse nomeado, em janeiro de 1953, diretor do Instituto Ítalo-Brasileiro de Cultura e pudesse ver concretizadas algumas metas do seu projeto, financiado pelo Ministério das Relações Exteriores e em parceria com instituições de memória brasileiras e italianas. Essa hipótese é confirmada em correspondência emitida pelo Embaixador italiano Ugo Sola que escreveu ao embaixador brasileiro demonstrando o seguinte:

Lo l'onore, con La più intima soddisfazione, di partecipare che nell'ultima Assemblea dell'Associazione Italo-Brasiliana si è provveduto alla modificazione degli Statuti per provvedere in essi la Fondazione, nel seno della Associazione stessa dell'Istituto di Cultura Italo-Brasiliana. (...) ha conferito La carica di Direttore dell'Istituto di Cultura Italo-Brasiliana all'Illmo. Dott. Buarque de Hollanda (...) Sono certo che l'Istituto testè fondato rappresenterà, anche e soprattutto con la collaborazione di codesta Ambasciata, un prezioso strumento per vieppiù legare, spiritualmente, i nostri due Paesi.⁸

⁷ Emb Roma/of. 19/1953 p.2 Instituição depositária AHI-RJ

⁸ Emb Roma/of. 50/1953/anexo único. Instituição depositária AHI/RJ.



Palazzo Antici Mattei

A fundação do Instituto de Cultura Ítalo-Brasileiro, teve sua sede no Palácio *Antici Mattei*, que também abrigava a Associação. Ao longo de 1953 e 1954 muitas metas não puderam ser atingidas ou foram realizadas mais modestamente, devido às dificuldades orçamentárias resultantes do não-envio dos recursos financeiros necessários pela Divisão Cultural do Itamaraty. Essa questão fez com que fossem limitadas as atividades do Instituto, em 1953, à instituição do curso de português e realização de conferências. Entretanto foi grande o fluxo de alunos para tal curso, elevado para 91 alunos, evidenciando o interesse pela possível instituição de bolsas de estudos para estudantes italianos. Em 1954, Sérgio Buarque continuou insistindo nesse investimento. Solicitou o envio de livros brasileiros também para a biblioteca do Instituto, que comparada às outras do Centro de Estudos Americanos, também instalados no Palácio *Antici-Mattei*, era modesta. As aulas prosseguiram de forma criativa, apesar dessa necessidade. Aulas de Português e Estudos Brasileiros eram dadas respectivamente por Sérgio Buarque de Holanda e pelo Dr. Renato Puccinini. Essa criatividade pode ser vista na preparação das aulas de março e abril de 1954, nas salas do Instituto, onde Sérgio Buarque promoveu concertos de música brasileira, organizou palestras sobre: o Brasil então atual, pronunciada pelo Primeiro Secretário da Embaixada, Dr. Lucilo Haddock Lobo; conferências feitas pelo escritor José Lins do Rego, sobre a evolução do romance no Brasil; pelo padre Serafim Leite sobre a Companhia de Jesus e a Formação Brasileira, por Otávio Tarquínio de Souza e Lúcia Miguel Pereira. Em correspondência ao embaixador, Sérgio Buarque fez a demonstração das realizações indicando que: “o interesse despertado no Instituto por essas manifestações culturais poderá ser consideravelmente ampliado quando ele dispuser de recursos mais amplos.”⁹ Suas considerações eram feitas visando ao bom êxito das iniciativas culturais brasileiras em Roma, que pôde contar com a gentileza de italianos e homens de letras brasileiros que passavam pela cidade, indicativos da força da sua rede de sociabilidade. Buscando identificar a inserção de Sérgio Buarque de Holanda nas exposições internacionais sobre a História da Arquitetura Brasileira, realizadas

⁹ Emb Roma/97/1954/anexo único/p.3 Instituição depositária AHI/RJ.

nos anos 40 e 50, nos Estados Unidos e na Europa, respectivamente, indicamos o respaldo que o intelectual deu aos arquitetos “modernos vencedores”, que reivindicavam o novo. A realização de nossa pesquisa em arquivos, bibliotecas e museus italianos nos permitiu fortunadamente encontrar o catálogo da referida exposição, realizada em Roma entre 4 e 18 de março de 1954, na *Galleria Nazionale d’Arte Moderna*, e poder ver confirmada nossa hipótese da arquitetura como ponte entre culturas, sabiamente protagonizada por Sérgio Buarque de Holanda e o Museu da Arte Moderna do Rio de Janeiro, no circuito internacional.

¹⁰ Sérgio Buarque mantinha-se sempre em contato com a Embaixada do Brasil, esforçando-se no sentido de dar o caráter mais vivo possível às atividades do Instituto, que eram vistas como promissoras e merecedoras de amparo. Esse caráter vivo pode ser visto também nas publicações que colocaram o Brasil na Itália, como por exemplo, um número especial dedicado exclusivamente ao Brasil e ao IV Centenário de São Paulo nas revistas italianas *Illustrazione Nazionale* e *Ausonia*. No contexto do mercado editorial italiano, Sérgio construiu uma rede de sociabilidade que tornou possível publicar livros brasileiros e periódicos na Itália. Na revista *Ausonia Rivista di Lettere e Arti, Numero Dedicato Al Brasile*, encontrada na Biblioteca Nacional de Roma, no decorrer de nossa pesquisa, foram dadas as vozes para os seguintes aspectos culturais brasileiros: história, poesia, romance, cinema, arquitetura, cinema e música popular. Foram editados textos de brasileiros e de italianos que desenvolveram traduções e análise crítica, deixando evidenciadas as similitudes do patrimônio cultural brasileiro e o interesse pelo Brasil “país amigo”: “Ringraziamo Sergio Buarque de Holanda, Direttore dell’Istituto di Cultura Brasiliana in Roma, che ha incoraggiato la nostra iniziativa fornendo non pochi scritti inediti di autori rappresentativi del grande Paese amico, e i nostri collaboratori che li hanno amorosamente tradotti. In Italia, oggi si guarda con molto interesse alle Lettere e alle Arti Del Brasile.”¹¹ As atividades de Sérgio Buarque na Itália foram finalizadas em dezembro de 1954 e muito bem vistas pelo embaixador Carlos Alves de Souza:

¹⁰ *Architettura Brasiliana. Sotto gli auspici Del Ministero Della Pubblica Istruzione Della Repubblica Italiana*. Instituição depositária: Archivio Capitolino Biblioteca Romana. 20215.

¹¹ *Ausonia. Rivista di Lettere e Arti. Direttore Luigi Fiorentino*. Anno IX. N.5 Settembre-October, 1954. p. 4 Instituição depositária: Biblioteca Nacional de Roma.

*(...) em Roma, onde desde a sua chegada, o professor Sérgio Buarque de Holanda entrou em contato estreito e cotidiano com os meios universitários e culturais italianos e onde soube impor-se à estima e à admiração de seus colegas italianos. (...) sempre demonstrou a maior boa vontade e o maior desejo de colaboração quando foi chamado a cooperar com os serviços culturais da Embaixada em várias providências ligadas às comemorações do IV Centenário de São Paulo. É assim com pesar que o vejo partir e não posso deixar de apontar a lacuna que deixará entre nós.*¹²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é possível ignorar os interesses subjacentes à construção da memória que as sociedades fazem de si. Guardar para não esquecer, preservar para não destruir: da impossibilidade prática de tudo guardar decorre a necessidade de eleger alguns suportes de memória sobre os quais incidirão as ações preservacionistas e, por conseqüência, eleger aqueles sobre os quais incidirá a destruição. Guardar as coisas (objetos/documentos) não significa evitar o esquecimento, assim como perdê-las não significa perder a memória. Memória e esquecimento habitam nas relações entre os homens, entre os homens e os objetos/documentos e entre as palavras e as ações. Para que os objetos/documentos sejam investidos de memória, ou sejam lançados no limbo do esquecimento, é preciso a ação humana, que se constrói através de práticas sociais e de políticas de memória. Nesse sentido, tendo como referência documentos de instituições de memória do Brasil e da Itália buscamos contribuir para a retirada do esquecimento Sérgio Buarque de Holanda como adido cultural que, a partir das situações expostas, pode ser compreendido como um agente que ultrapassou a esfera do erudito, teve reconhecimento pelo grupo de pares e foi capaz de reproduzir e renovar, utilizando como instrumentos-armas as universidades e os museus no Brasil e no mundo, contribuindo para a consolidação de amplo sistema de produção de bens simbólicos, a divulgação internacional do patrimônio cultural brasileiro e o estreitamento do intercâmbio cultural Brasil-Itália.

BIBLIOGRAFIA

- BERSTEIN, S. A cultura política. In: RIOUX, Jean Pierre & SIRINELLI, Jean –François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Ed. Estampa Ltda, 1998.
- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.
- CERVO, Amado Luiz. *Le relazioni diplomatiche fra Italia e Brasile dal 1861 ad oggi*. Trad. Ângelo Trento. Torino: Ed. Fondazione Giovanni Agnelli, 1994.

¹² Vp.61.p.1-3. Fundo Sérgio Buarque de Holanda. SIARC/UNICAMP.

GONDAR, Jô & DODEBEI, Vera (orgs) *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contracapa Livraria/Programa de Pós Graduação em Memória Social da Universidade Federal de Estado do Rio de Janeiro, 2005.

SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René (org). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

TOSCANO, Mario Aldo. *Corsivi di política estera (1949-1968)*. Roma: Giuffrè, 1981.